

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

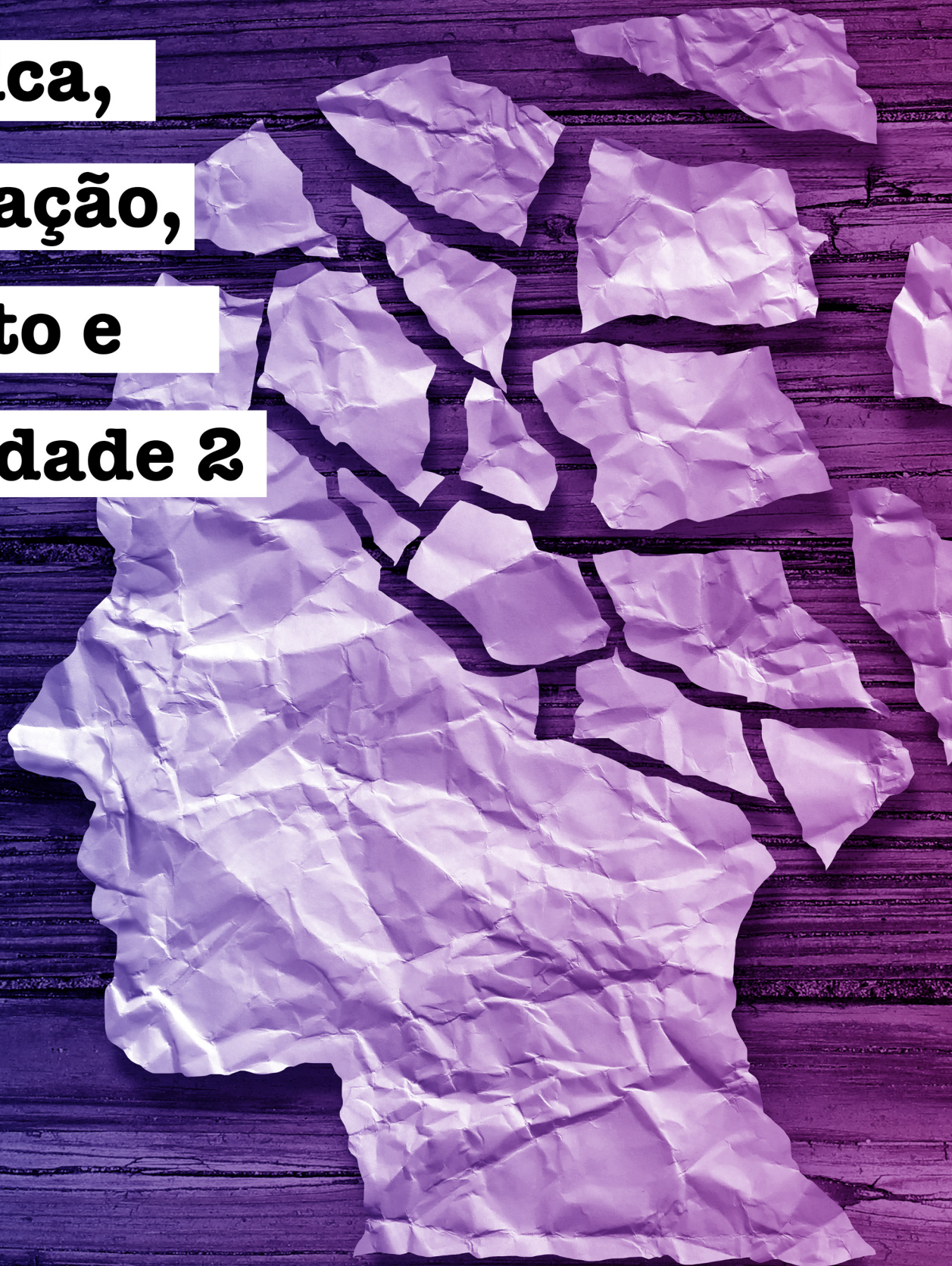
Filosofia

Política,

Educação,

Direito e

Sociedade 2



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-095-7

DOI 10.22533/at.ed.957190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O objetivo do livro é o de aprofundar os estudos sobre FPEDE – Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade, uma vez que, o Brasil, historicamente, sempre se distinguiu por enormes desigualdades e pela exclusão social, econômica, étnico/racial, de gênero e cultural que, atualmente, vem crescendo em face de um modelo de Estado fundamentado na concepção neoliberal, no qual as políticas públicas priorizam os direitos políticos em detrimento dos direitos sociais. Existem declarações, documentos e leis que contemplam os direitos políticos, civis, econômicos, culturais, sociais e coletivos. Entretanto, a concretização desses direitos, na prática, não se realizam de imediato ou de modo natural. Nesse contexto nacional e também mundial, marcado pelo neoliberalismo econômico, é que se instala um verdadeiro abismo social, com um aumento cada vez maior de pessoas excluídas do processo de desenvolvimento econômico, destituídas das condições de dignidade humana. Em períodos de intensa globalização, o debate sobre a universalidade dos direitos humanos ganha novos contornos. Através especialmente da faceta econômica do processo globalizador, o mundo todo se encontra conectado, se inter-relaciona, e, com isso, a hegemonia do mercado capitalista mundial gera o temor da homogeneização. Por outro lado, as reações a esse processo trazem à tona as diferentes identidades e culturas, que mais e mais clamam ser respeitadas. A diversidade de culturas é uma riqueza, não há dúvida. Diferentes formas de ver o mundo, de viver o mundo; a variedade de tradições, de ritos e ritmos; as distintas comemorações e seus significados, os figurinos e seus coloridos. Como é encantador conhecer e aprender com o Outro! Contudo, o brilho da diversidade não deve cegar-nos a algumas práticas culturais que, embora pertencentes a culturas preciosas, acabam agredindo a Humanidade que há em todos nós. Sabe-se que os direitos humanos, após sua consolidação no século XVIII, passaram por transformações no sentido de que novas lutas foram agregando novos direitos ao conjunto. Se, a princípio, falar de direitos humanos significava tratar apenas de direitos civis e políticos, hoje tal denominação abarca também direitos sociais, direitos difusos – como o direito ao meio ambiente – e direitos coletivos – por exemplo, os direitos da mulher. Todavia, não obstante já terem passado mais de dois séculos do seu “nascimento” – cujo marco a história ocidental assenta na Revolução Francesa, de 1789 – sequer os direitos humanos ditos de primeira dimensão foram totalmente efetivados. Ainda que tais direitos sejam caracterizados como universais, isto é, pertencentes a todos os seres humanos, observa-se o desrespeito a direitos mais básicos – como o de não sofrer tratamento cruel ou degradante, para citar um – em várias partes do planeta. Algumas vezes esse desrespeito provém de afronta à própria lei que consagra os direitos. Outras vezes, eles acabam sendo violados por uma questão cultural, ou seja, por práticas culturais que, malgrado sejam exercidas há tempos e sejam aceitas por boa parte de seus praticantes, coíbem o desenvolvimento integral da pessoa, ferindo a dignidade humana e, por isso, constituindo uma ofensa

aos direitos humanos. Frente a esses eventos – globalização, temor de homogeneização, valorização da diversidade cultural –, como defender a existência de direitos humanos universais? De que forma sustentar que todos os seres humanos possuem direitos inalienáveis, independentemente das diferenças que há entre nós? Mais ainda: como demandar respeito a direitos básicos que todos temos ante práticas culturais que os violam, quando justamente a questão da cultura e de sua preservação levanta vozes em sua defesa? De que modo argumentar pelo apreço à dignidade humana, através do respeito aos direitos humanos, que, tal como se entende hoje, se consolidaram no Ocidente, sem que pareça que esta atitude seja um ato de imperialismo cultural? Eis alguns dos dilemas que os direitos humanos enfrentam nos dias atuais argumentos que se pode sustentar a erradicação de uma prática cultural que pareça violadora da dignidade humana, buscando-se um caminho o diálogo intercultural para que a defesa dos direitos humanos que são universais, ou seja, pertencem a todos independente de raça, religião, nacionalidade ou cultura em face de uma tradição não configure imperialismo cultural. A hipótese é a de que, tendo em vista que a cultura é uma categoria dinâmica, em constante processo de construção, e que as culturas se relacionam e se misturam, práticas culturais que aviltem o ser humano, mitigando o desenvolvimento de suas capacidades, merecem ser erradicadas – pelo diálogo intercultural, nunca por imposição em nome dos direitos humanos. É incontestável que não se deve impor ao Outro nosso olhar, nossa perspectiva, nossa maneira de ver. Isso não quer dizer, no entanto, que não se possa chegar a um consenso. Vislumbra-se um caminho: o diálogo intercultural. O interculturalismo entende a diversidade cultural como uma riqueza e tem a compreensão de que as culturas se relacionam, influenciando umas às outras, pois as culturas, sobretudo no mundo globalizado de hoje, aproximam-se, mesclam-se, tornam-se híbridas. A partir daí, e considerando que as culturas são dinâmicas, estando então num permanente processo de reconstrução, seja por circunstâncias internas ou externas (justamente no contato com outras culturas), parece possível que diferentes culturas aprendam umas com as outras na busca de valores comuns que levem ao respeito à dignidade humana sem que isso acarrete homogeneização. Por outro lado, já é hora de desvincular os direitos humanos de sua procedência histórica. Afinal, o fato de, no seu entendimento moderno, terem se consolidado no Ocidente não significa que devam ser mantidos necessariamente presos aos limites de sua origem. Quantos elementos de nossa própria cultura se originaram em outras? Ademais, os valores-base dos direitos humanos não pertencem exclusivamente a nenhum sistema cultural. E os direitos humanos têm se tornado mais e mais uma alternativa a possibilitar a coexistência humana pacífica e sempre mais enriquecedora entre diferentes no mesmo mundo. Como consequência disso, os direitos humanos são cotidianamente violados. Conforme dito anteriormente, esses direitos são assegurados em vários instrumentos jurídicos e conclamados em princípios universais tanto na ordem nacional como no ordenamento internacional. Contudo, o amplo respaldo documental não impede as constantes

violações dos direitos humanos em todo o mundo. Pensa-se, então, em formas de possibilitar o respeito e a eficácia desses direitos humanos que deveriam, na prática, ser consagrados. Nessa perspectiva, surge a educação em direitos humanos como um dos caminhos necessários para a efetivação dos direitos mais elementares e para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Como se lê em Horta (2000) a educação em direitos humanos situa-se em uma perspectiva crítica em relação ao modelo neoliberal vigente e impele o desvendar da sua racionalidade, suas implicações sociopolíticas e seus pressupostos éticos. A autora ressalta que promover processos educacionais sem questionar o paradigma hegemônico vigente significa esquivar-se da responsabilidade política da educação em relação ao presente e futuro. Com base nessa ótica de educação, deve-se propor uma ética que enfatize o público, a solidariedade e o bem comum. Compreender a educação como algo isento, à parte das relações sociais significa romantizar a educação. Se a política é algo inerente às relações sociais, não dá para compreender a educação fora do contexto social. Precisamos analisá-la como algo que é influenciado e que também influencia; como determinada e determinante social. Portanto, não basta o[a] professor[a] se preocupar em fazer bem o trabalho que faz, também é preciso que reflita sobre como o faz, sobre as implicações e consequências do que faz. (MATTOS, 2008. p. 8-9). A educação é um direito internacionalmente reconhecido, conforme se lê no art. 13 do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais de 1966: Os Estados partes do presente Pacto reconhecem o direito de toda pessoa à educação. Concordam em que a educação deverá visar ao pleno desenvolvimento da personalidade humana e do sentido de sua dignidade e fortalecer o respeito pelos direitos humanos e liberdades fundamentais. Concordam ainda em que a educação deverá capacitar efetivamente de uma sociedade livre, favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e entre todos os grupos étnicos ou religiosos e promover as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. (ALVES, 1997, p. 79, grifos nossos). Da citação acima se depreende a educação tanto como um direito em si mesma como também um meio indispensável para concretização de outros direitos. Segundo Zenaide e Tosi (2004), no Brasil, após a Constituição de 1988, o Estado Democrático de Direito admite os direitos humanos como parte integrante do arcabouço jurídico e institucional, das políticas sociais e da cultura democrática, o que torna a educação em direitos humanos tema central integrante da política de Estado. A discussão sobre a necessidade de uma educação em direitos humanos não é recente, nem está só no plano das ideias. O Programa Nacional de Direitos Humanos II (PNDH II), lançado pelo governo federal em 2002 dedica uma parte à educação com propostas para curto, médio e longo prazo, dentre eles o item 470: “Criar e fortalecer programas para o respeito aos direitos humanos nas escolas de ensino fundamental e médio através do sistema de temas transversais, assim como de uma disciplina sobre direitos humanos.” (BRASIL, 2002). Em 2003, o Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos lançou o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH,

2003). Conforme se lê nesse documento tal educação está direcionada para o fortalecimento do respeito aos direitos humanos e liberdades fundamentais do ser humano, dentre outros aspectos. Tal direcionamento do PNEDH (2003) baseia-se na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e no Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais de 1966. A Lei 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), reflete o propósito dos documentos acima mencionado ao dispor sobre os princípios e fins da educação nacional afirmando no artigo 2º, que a “[...] educação [...] inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A identidade da educação em direitos humanos é um processo ainda em construção, não havendo consenso entre autores e autoras sobre sua definição (SACAVINO, 2009). E, pelo fato do conteúdo dos direitos humanos não ser neutro deve-se atentar para a polissemia. Tratou-se de uma primeira versão por meio da Criação do Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos (CNEDH), por meio da portaria nº 98/1993 da SEDH/PR. Em 2006, foi concluído o Plano com sua versão final. 24 de expressões que são utilizadas de acordo com os interesses de determinados grupos sociais. Especialmente nas dimensões político-ideológica e pedagógica, convivem diferentes concepções, que vão do enfoque neoliberal, centralizado nos direitos individuais, civis e políticos até o enfoque histórico-crítico de caráter contra hegemônico, nos quais os direitos humanos são uma referência no processo de construção de uma sociedade diferente, justa, solidária e democrática, tendo como fundamento a indivisibilidade e interdependência das diferentes gerações de direitos (SACAVINO, 2009). Essas questões serão examinadas posteriormente. Assim, feita essas considerações, quais relações pode haver entre direitos humanos, democracia, cidadania e educação? A relação entre os direitos humanos e a democracia existe na medida em que esta é entendida como o regime político da soberania popular e do respeito aos direitos humanos, o que pressupõe seu reconhecimento, promoção e proteção. Tal democracia, ao englobar os direitos civis, a participação política direta, a garantia dos direitos sociais, econômicos e culturais sem privilégios para todos os membros da sociedade, cumpre as exigências da cidadania ativa. A educação escolar atua como um dos caminhos de conscientização dos direitos e deveres pelas pessoas que possivelmente terão maior oportunidade de atuar e interferir no contexto social colaborando na construção de outra sociedade em que vigore os direitos humanos. Conforme se lê em Ruiz (2008, p. 225): “Trata-se de entender a escola como um ambiente conflituoso, permeado constantemente por contradições no qual ocorrem, diuturnamente, ‘lutas pedagógicas’ que podem vir a somar-se com a luta sócio-política, em prol da transformação social”. Conforme pondera Konder (2004, p. 20) com base em Marx, “[...] a atividade do[a] educador[a] tem seus limites, porém é atividade humana, é práxis. É intervenção subjetiva na dinâmica pela qual a sociedade existe se transformando. Contribui, portanto, em certa medida, para o fazer-se história”. Com a

democratização de acesso à educação escolar, as crianças passam longos anos de suas vidas dentro de escolas e, durante esse período, pode-se promover processos que favoreçam o desenvolvimento crítico da realidade social, adoção das sementes da real noção de cidadania, de respeito ao outro e do espírito coletivo como também pode ocorrer a introjeção de valores de conformismo e aceitação do status quo do modelo neoliberal de sociedade vigente. O Brasil está no terceiro Plano Nacional de Direitos Humanos (2009) — PNDH III. Nas últimas três décadas sob o ponto de vista da legislação muito se tem anunciado os direitos humanos como requisito indispensável à concretização da democracia no país. O Estado também tem colocado ênfase na educação formal como um dos meios de construção de uma cultura de direitos humanos por meio da ratificação de vários pactos internacionais e elaboração de vários planos nacionais visando dar subsídios aos governos estaduais e municipais na elaboração e na execução de seus próprios programas de direitos humanos.

No artigo **O IMAGINÁRIO DE MILTON HATOUM: CAMPO DE POSSIBILIDADE PARA O SABER HISTÓRICO E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**, o autor Arcângelo da Silva Ferreira nesse trabalho procura verificar e analisar a ideia de história no pensamento do escritor amazonense Milton Hatoum. Paralelo a isso, as possibilidades de sua narrativa para o ensino de História da Amazônia. o corpus de análise para esta investigação é a novela *Órfãos do Eldorado*. No artigo **O PROGRAMA BRASIL PROFISSIONALIZADO NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS PUBLICADAS NO BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES**, os autores Suerda Maria Nogueira do Nascimento José Moisés Nunes da Silva com o objetivo de identificar as produções científicas que discutem essa política de educação profissional pesquisas promovidas acerca do Programa Brasil Profissionalizado. O artigo **O PROGRAMA JOVEM DE FUTURO DO INSTITUTO UNIBANCO EM ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO DE BELÉM DO PARÁ**, dos autores Jhanielly Gonçalves Barbosa, Terezinha Fátima Andrade Monteiro dos Santos, procura analisar o Programa Ensino Médio Inovador/Jovem de Futuro (ProEMI/JF) em escolas públicas do ensino médio de Belém, em especial, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente Costa e Silva, cujo objetivo é analisar como se configura o Programa Ensino Médio Inovador na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente Costa e Silva. O artigo **O QUE SE TRABALHA SOBRE SI QUANDO SE ESTÁ A FILOSOFAR NO ENSINO, PROFESSOR?** o autor José Carlos Mendonça, busca mostrar como a atividade filosófica, como prática educativa, deve se caracterizar para que o sentido do ensino não se restrinja ao trabalho que visa mover o ‘sujeito’ ao redor do discursivo estritamente conceitual; mas, ao contrário, atrelado ao viver, ou a constituição de um “discurso interno” do sujeito sobre si, sobre sua situação, com o objetivo da modificação de si. No artigo **O TEMPO DA DÁDIVA: A ABERTURA DA RAZÃO ÉTICO-ESPIRITUAL NA INTERFACE DÁDIVA E EDUCAÇÃO**, os autores Ana Gregória de Lira, Rodrigo Nicéas Carneiro Leão, Tatiana Cristina dos Santos Araújo, Alexandre Simão de Freitas, objetivou caracterizar o fenômeno da dádiva, suas contribuições

para o campo educacional e elucidar o debate acerca das sutilezas que permeiam a ação educacional. também interligar a dívida à Educação e refletir sobre a ética que permeia a ação pedagógica movida pela dívida. **No artigo O TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ORGANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO E O ESTÁGIO REMUNERADO**, as autoras Maria Cristina Leandro de Paiva, Thayane Lopes Miranda, Viviane Marina Andrade Silva, buscou –se discutir a organização e o atendimento às crianças na educação infantil, destacando as particulares subjacentes a esse atendimento, na Rede Municipal de Ensino de Natal/RN. O artigo **O TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DOCENTE**, a autora Roberta Ravaglio Gagno, procura refletir sobre a construção da cultura profissional do pedagogo, em especial no que tange aos processos de trabalho, sua interferência nessa construção, as condições e políticas educacionais no Paraná .No artigo, **O TRABALHO EM EQUIPE E A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA: REFLEXÕES SOBRE AS INFLUÊNCIAS DO TOYOTISMO NA EDUCAÇÃO**, os autores Valmir Pereira, José Cândido Rodrigues Neto, Maria Aparecida da Silva Bezerra, buscou investigar as repercussões e influências na educação, especialmente sobre a formação da mão de obra, as práticas escolares e educacionais e o antagonismo de classes. No artigo **AS CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS E HISTÓRICAS SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA E A TEORIA DO SER SOCIAL: UMA COMPARAÇÃO COM A CONCEPÇÃO MARXIANA** os autores: Eldernan dos Santos Dias, Roberto Lister Gomes Maia, apresentam um estudo sobre mediações entre a formação humana e suas possibilidades como pressuposto teórico e filosófico para o campo de conhecimento da Educação Física. No artigo **A INCLUSÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR**, os autores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Gabriella Rossetti Ferreira, Paulo Rennes de Marçal Ribeiro discutir sobre os direitos das crianças e adolescentes com deficiência no âmbito escolar, trazendo a luz, a partir de uma revisão bibliográfica. No artigo **AS CONTRIBUIÇÕES DAS AULAS EXPERIMENTAIS NA CONSTRUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, os autores Gisele Carvalho Lomeu, Fátima Aparecida da Silva locca, discorrem sobre as contribuições das aulas experimentais para o processo de ensino e aprendizagem de conceitos científicos básicos abordados no ensino de Ciências na Educação Infantil, de uma escola do campo no Município de Terra Nova do Norte/MT. No artigo **AS ESCOLAS AMBULANTES NO TERRITÓRIO DO ACRE (1906-1930)**, os autores Mark Clark A Carvalho, Luciana Ferreira de Lira, Mizraiam Lima Chaves, objetivo realizar um resgate histórico acerca do processo de implantação e funcionamento das chamadas “escolas ambulantes” no antigo Território Federal do Acre na perspectiva de procurar evidenciar qual o papel desempenhado por esse tipo de organização escolar para as ações pioneiras de escolarização da população do antigo território. No artigo **AS NARRATIVAS ORAIS E PRÁTICAS CULTURAIS EM NARRADORES DE JAVÉ**, a autora Léa Evangelista Persicano proporcionar uma reflexão acerca de narrativas orais enquanto uma prática cultural que propicia uma ressignificação do passado, com projeções no

presente e no futuro. **No artigo AS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPO GRANDE – MS, a autora NOVAIS, Pabliane Lemes Macena, com o objetivo, descobrir qual o papel da formação de professores na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande – MS, se tem havido continuidade nas políticas adotadas pela Secretaria Municipal de Educação e, ainda, se as ações desenvolvidas nos dois cenários aqui abordados (Educação Infantil e Classes de Alfabetização do Ensino Fundamental).** No artigo **AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM: REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA,** as autoras Carolina Barreiros de Lima, Janaína Moreira Pacheco de Souza discute a importância do planejamento pedagógico voltado para questões relacionadas à autoestima e ao fracasso escolar. No artigo a **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: PRODUÇÃO, TENDÊNCIAS E CONCEPÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES,** a autora COSTA, Simone Freitas Pereira, realizou um balanço de produções sobre o tema supracitado sobre o tema avaliação da aprendizagem, consultando teses, dissertações e artigos publicados em periódicos científicos no Brasil, contemplando o período de 1999 a 2008. **No artigo AVALIAÇÕES EM MATEMÁTICA: O ERRO ENQUANTO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM,** André Ricardo Lucas Vieira, o artigo analisa a concepção de erro em avaliações de matemática da Educação Básica, partindo das contribuições da pedagogia construtivista na perspectiva de se considerar o erro como uma estratégia pedagógica de promoção da aprendizagem. No artigo **BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS DESAFIOS DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR PARA A EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO PLENA,** a autora Fabiana Aparecida Menegazzo Cordeiro, procurou demonstrar que apesar do principal objetivo do movimento de criação de uma Base Nacional Comum Curricular ser a consolidação da educação promotora da formação integral da pessoa e, apesar do vasto conteúdo legislativo, de fato, não se vê, na prática, sintonia e esforços para a reestruturação necessária para a efetividade do ensino transformador. No artigo **CAMINHOS E DESCAMINHOS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: Um estudo sobre a formação pelo PARFOR,** os autores, Marnilde Silva de Farias, Lana Cristina Barbosa de Melo, Joelma Carvalho Sales, Marcondes Baptista do Rêgo, Maristela Bortolon de Matos, Busca por meio da abordagem a formação e o processo de profissionalização docente em Educação Física, a partir das implicações decorrentes do PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores), como um programa de formação emergencial e necessário para consolidação das metas preconizadas pelo Plano Nacional de Educação e ainda em cumprimento as exigências de formação previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. No artigo, **CAMINHOS TRILHADOS: PESQUISAS SOBRE A DOCÊNCIA NA ACADEMIA DA FORÇA AÉREA,** Josélia Maria Costa Hernandez, Este artigo refere-se à descrição da terceira etapa de pesquisas sobre o processo de profissionalização do professor da Academia

da Força Aérea (AFA) produzidas pelo grupo de estudos Processos Educacionais – Propostas de Estudo (PEPE), vinculado à linha de pesquisa formação e profissionalização docente no ensino superior militar do Grupo de Estudos e Pesquisas em Assuntos de Defesa (GEPAD) da AFA.. No artigo **CÍCERO ARPINO CALDEIRA BRANT: PRIMEIRO DIRETOR DO GRUPO ESCOLAR DE DIAMANTINA (1907-1909)**, os autores, Luan Manoel Thomé e Flávio César Freitas Vieira, pesquisou sobre o primeiro diretor do Grupo Escolar de Diamantina (GED) Cícero Arpino Caldeira Brant . No artigo **Cidadania e Território: Os Desafios Contemporâneos da Crise Ambiental no Espaço da Cidadania**, o autor, Bruno Rego, Pensada sempre nos limites territoriais de um espaço nacional, a noção clássica de Estado-nação tornou-se um conceito cuja operacionalidade foi fracturada em face das grandes tendências e desafios com o que o século XXI se confronta, desafios esses cuja resolução tem de ser enfocada primordialmente num plano global. No artigo **CINEMA, DIVERSIDADE E EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE: DIÁLOGO POSSÍVEL**, os autores **Maristela Rosso Walker, Ademarcia Lopes de Oliveira Costa, Cassia Peres Martins, Giovanna Marques Moreira Bertim, Guilherme Aparecido de Carvalho, Maria Fatima Menegazzo Nicodem** O trabalho buscou desenvolver o projeto de extensão “É papo de cinema! UTFPR – cinediversidade, educação e diversão”, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Santa Helena. Objetivou favorecer o acesso a acadêmicos, servidores da Universidade e comunidade circunvizinha à produção cinematográfica de diferentes categorias e gêneros, que remetam à temática da DIVERSIDADE social, racial, étnica, sexual, cultural, educacional, a cultura africana, afrodescendente e indígena. No artigo **Coeducação uma proposta para aulas de educação física no ensino fundamental** as autoras, Raymara Fonseca dos Santos, Patrícia dos Santos Trindade, Dainessa de Souza Carneiro, Lucas Diógenes Leão, Gerleison Ribeiro Barros, o objetivo é investigar se os professores de Educação Física adotam práticas pedagógicas pertinentes às questões de gênero, por meio de aulas coeducativas. No artigo **COMPLEXUS DA MARÉ: O PROCESSO DE HOMOGENEIZAÇÃO DA SOCIEDADE E DA EDUCAÇÃO** a autora Aline de Carvalho Moura, o objetivo deste trabalho é fazer alguns apontamentos sobre a relação entre a sociedade contemporânea e a educação, a partir de uma análise sobre os CIEPs do Complexo da Maré.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O IMAGINÁRIO DE MILTON HATOUM: CAMPO DE POSSIBILIDADE PARA O SABER HISTÓRICO E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.	
Arcângelo da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.9571904021	
CAPÍTULO 2	13
O PROGRAMA BRASIL PROFISSIONALIZADO NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS PUBLICADAS NO BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES	
Suerda Maria Nogueira do Nascimento José Moisés Nunes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9571904022	
CAPÍTULO 3	24
O PROGRAMA JOVEM DE FUTURO DO INSTITUTO UNIBANCO EM ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO DE BELÉM DO PARÁ.	
Jhanielly Gonçalves Barbosa Terezinha Fátima Andrade Monteiro dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9571904023	
CAPÍTULO 4	31
O QUE SE TRABALHA SOBRE SI QUANDO SE ESTÁ A FILOSOFAR NO ENSINO, PROFESSOR?	
José Carlos Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.9571904024	
CAPÍTULO 5	55
O TEMPO DA DÁDIVA: A ABERTURA DA RAZÃO ÉTICO-ESPIRITUAL NA INTERFACE DÁDIVA E EDUCAÇÃO	
Ana Gregória de Lira Rodrigo Nicéas Carneiro Leão Tatiana Cristina dos Santos Araújo Alexandre Simão de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.9571904025	
CAPÍTULO 6	70
O TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ORGANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO E O ESTÁGIO REMUNERADO	
Maria Cristina Leandro de Paiva Thayane Lopes Miranda Viviane Marina Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9571904026	
CAPÍTULO 7	80
O TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DOCENTE	
Roberta Ravaglio Gagno	
DOI 10.22533/at.ed.9571904027	

CAPÍTULO 8	91
O TRABALHO EM EQUIPE E A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA: REFLEXÕES SOBRE AS INFLUÊNCIAS DO TOYOTISMO NA EDUCAÇÃO	
Valmir Pereira José Cândido Rodrigues Neto Maria Aparecida da Silva Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.9571904028	
CAPÍTULO 9	99
AS CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS E HISTÓRICAS SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA E A TEORIA DO SER SOCIAL: UMA COMPARAÇÃO COM A CONCEPÇÃO MARXIANA.	
Eldernan dos Santos Dias Roberto Lister Gomes Maia	
DOI 10.22533/at.ed.9571904029	
CAPÍTULO 10	112
A INCLUSÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Gabriella Rossetti Ferreira Paulo Rennes de Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.95719040210	
CAPÍTULO 11	121
AS CONTRIBUIÇÕES DAS AULAS EXPERIMENTAIS NA CONSTRUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Gisele Carvalho Lomeu Fátima Aparecida da Silva Iocca	
DOI 10.22533/at.ed.95719040211	
CAPÍTULO 12	126
AS ESCOLAS AMBULANTES NO TERRITÓRIO DO ACRE (1906-1930)	
Mark Clark A. Carvalho Luciana Ferreira de Lira Mizraiam Lima Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.95719040212	
CAPÍTULO 13	139
AS NARRATIVAS ORAIS E PRÁTICAS CULTURAIS EM <i>NARRADORES DE JAVÉ</i>	
Léa Evangelista Persicano	
DOI 10.22533/at.ed.95719040213	
CAPÍTULO 14	146
AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM: REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Carolina Barreiros de Lima Janaína Moreira Pacheco de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.95719040214	
CAPÍTULO 15	156
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: PRODUÇÃO, TENDÊNCIAS E CONCEPÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Simone Freitas Pereira Costa	
DOI 10.22533/at.ed.95719040215	

CAPÍTULO 16	166
AVALIAÇÕES EM MATEMÁTICA: O ERRO ENQUANTO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
André Ricardo Lucas Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.95719040216	
CAPÍTULO 17	179
BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS DESAFIOS DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR PARA A EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO PLENA.	
Fabiana Aparecida Menegazzo Cordeiro.	
DOI 10.22533/at.ed.95719040217	
CAPÍTULO 18	189
CAMINHOS E DESCAMINHOS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO PELO PARFOR	
Marnilde Silva de Farias	
Lana Cristina Barbosa de Melo	
Joelma Carvalho Sales	
Marcondes Baptista do Rêgo	
Maristela Bortolon de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.95719040218	
CAPÍTULO 19	200
CAMINHOS TRILHADOS: PESQUISAS SOBRE A DOCÊNCIA NA ACADEMIA DA FORÇA AÉREA	
Josélia Maria Costa Hernandez	
DOI 10.22533/at.ed.95719040219	
CAPÍTULO 20	210
CÍCERO ARPINO CALDEIRA BRANT: PRIMEIRO DIRETOR DO GRUPO ESCOLAR DE DIAMANTINA (1907-1909)	
Luan Manoel Thomé	
Flávio César Freitas Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.95719040220	
CAPÍTULO 21	222
CIDADANIA E TERRITÓRIO: OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA CRISE AMBIENTAL NO ESPAÇO DA CIDADANIA	
Bruno Rego	
DOI 10.22533/at.ed.95719040221	
CAPÍTULO 22	231
CINEMA, DIVERSIDADE E EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE: DIÁLOGO POSSÍVEL.	
Maristela Rosso Walker	
Ademarcia Lopes de Oliveira Costa	
Cassia Peres Martins	
Giovanna Marques Moreira Bertim	
Guilherme Aparecido de Carvalho	
Maria Fatima Menegazzo Nicodem	
DOI 10.22533/at.ed.95719040222	

CAPÍTULO 23 242

COEDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA PARA AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Raymara Fonseca dos Santos

Patrícia dos Santos Trindade

Dainessa de Souza Carneiro

Lucas Diógenes Leão

Gerleison Ribeiro Barros

DOI 10.22533/at.ed.95719040223

CAPÍTULO 24 252

COMPLEXUS DA MARÉ: O PROCESSO DE HOMOGENEIZAÇÃO DA SOCIEDADE E DA EDUCAÇÃO

Aline de Carvalho Moura

DOI 10.22533/at.ed.95719040225

SOBRE A ORGANIZADORA..... 265

O IMAGINÁRIO DE MILTON HATOUM: CAMPO DE POSSIBILIDADE PARA O SABER HISTÓRICO E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.

Arcângelo da Silva Ferreira

Centro de Estudos Superiores de Parintins - AM
Universidade do Estado do Amazonas

RESUMO: O artigo procura verificar e analisar a ideia de história no pensamento do escritor amazonense Milton Hatoum. Paralelo a isso, as possibilidades de sua narrativa para o ensino de História da Amazônia. o corpus de análise para esta investigação é a novela Órfãos do Eldorado.

Palavras-chaves: História; Ensino; Literatura

ABSTRACT: The article seeks to verify and analyze the idea of history in the thinking of the amazon writer Milton Hatoum. In parallel the possibilities of its narrative to the teaching of the History of Amazon. The corpus of analysis to this research is the Novel Orphans of Eldorado.

KEYWORDS: History; Education; Literature

INTRODUÇÃO

O narrador é o artesão do Tempo. Na dança de suas mãos abstrai a substância que move os acontecimentos. Sábio, sabe que a memória é a musa da narrativa. Percebe nas lembranças os acontecimentos transmitidos através de gerações. Apreende nas reminiscências o

presente interpenetrado de passado e tecendo, assim, a rede das histórias. Diante disso, à luz de suas experiências observa que “ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si” (BENJAMIN, 1985, p. 212). Portanto, o narrador é aquele que busca, no fluxo das palavras, alcançar aquilo que ainda não foi contado.

O historiador é uma figura apropriada de narração. Do presente dá saltos para diversas temporalidades recortadas. Compreende o passado como um vão feito de fraturas, e centelhas: ruínas deixadas no tempo. Propenso a indagações pondera: Como narrar sobre esse amontoado de ruínas que a cada conjuntura, época, cresce até o céu? Como lidar com a morte, com o silêncio? Prudente, o historiador percebe que o passado não é eterno, mas uma experiência única. Que a morte pode revelar a vitória dos vencedores. Ultrapassando os inativos que perambulam pelos bosques da ciência, o historiador lança mão da arte da narração para “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIM, 1985, p. 225). E esta atitude metodológica consiste em reconstruir a história dos vencidos. Fazer justiça através da narrativa historiográfica.

Pautado nessas convicções foi eleita a narrativa do escritor Milton Hatoum como

corpus de análise da pesquisa que se aproxima. Compreende-se que a novela Órfãos do Eldorado inscreve inúmeras possibilidades para se pensar, fazer e ensinar a História da Amazônia. Nessa medida, a Literatura é concebida como testamento de uma época, fonte fecunda para a construção do saber histórico, onde o verossímil, inscrito na arte do narrador, torna-se alegoria da realidade recortada pelo historiador (FERREIRA, 2009).

LITERATURA E HISTÓRIA: O ENTRETECER METODOLÓGICO

A literatura é assim, a boa filha do historiador, sempre a servir, se for preciso, ou silenciosa, se necessário. Ela é, então, um objeto particularmente útil no momento de pensar ou de não pensar os movimentos que agitam, ainda que implicitamente, as calmas águas da história. (PESAVENTO, 2012, P. 151).

Na acepção de que *metodologia* é caminho, se estabelece aqui duas trilhas para o desenvolvimento deste estudo: o tratamento e problematização da fonte – a novela Órfã do Eldorado – e as possibilidades na utilização desta narrativa como recurso pedagógico para o ensino de parte da História da Amazônia. O primeiro ângulo é norteado pela utilização da narrativa literária como um documento, matéria prima para a construção do saber histórico. O segundo como reflexão sobre a ideia de história abstraída da narrativa do escritor amazonense.

Sabemos todos que a Literatura é proveitosa se pensada como fonte de História. Os antigos já a usavam. Porém, a história científica do século XVII e XIX não via com bons olhos a sua utilização. por isso, pelo menos até os anos de 1930 a narrativa literária foi deixada nas sombras. Com raras exceções, esqueciam-se os historiadores que a História inexistente sem a narrativa. É preciso narrar para contar. O que enreda o saber científico é a narrativa (BLOCH, 2001). Talvez tenha sido por isso que a partir da segunda metade do século XX ocorreu o polêmico retorno da narrativa à historiografia. Clio compreendeu que devia muito a Caliope (BURKE, 1992).

Essa dívida se tornou visível porque desde a absorção da narrativa literária, a escrita historiográfica ficou mais fluida. Análogo a isso, os escritores como Ítalo Calvino, entre tantos, ajudaram os historiadores a desenvolverem novos métodos para se narrar à História (RUIZ, 2008, p. 87), contribuindo, inclusive, para refutar o “mito da origem”, fantasma que ganhou força a partir da influente concepção positivista da História. Contudo, os historiadores contemporâneos aprenderam, lendo as narrativas literárias, que a História é mais local e menos universal. Igualmente, é no ponto de vista do narrador historiográfico que reside a versão dos acontecimentos estudados. (RUIZ, 2008).

Pensando nisso surge a problemática norteadora desta pesquisa: como usar a narrativa de um escritor amazonense para refletir e ensinar a História da Amazônia? Ora, devido a sensibilidade aguçada, os literatos percebem de forma eficaz os sentimentos do mundo, as transformações ocorridas no tempo. Revelam vozes

silenciadas, trajetórias subsumidas. Confirmam, mas também, na maioria das vezes, refutam memórias usadas como instrumento de perpetuação da ordem. De maneira mais apurada compreendem as mudanças sociais, o comportamento dos indivíduos e dos grupos sociais, os amores e suas ambições, as redes de relações sociais, políticas, econômicas e culturais, através de seus jogos de escalas. (IGLÉSIAS, 2009; GINZBURG, 2007).

Pensando em “*destrinchar a forma como [Hatoum] constrói ou representa sua relação com a realidade social*” (SHALHOUB; PERREIRA, 1998, p. 7) adota-se o método da histografia materialista, ou seja, procura-se buscar:

(...) na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas. (BENJAMIN, 1985, p. 231).

Desta forma, no tempo da narrativa da referida novela se percebe a ideia de *história a contrapelo* proposta pelo pensador alemão mencionado linhas acima. No tempo da urdidura da narrativa se compreende a relação dialógica entre as condições objetivas suscitando no narrador os motes para articular seu enredo: a epopeia de uma família. Em síntese, a narrativa de uma história trágica. O chão histórico: a Era da borracha na Amazônia. Portanto, o tempo abarca o ângulo do pensar e do ensinar. O caminho no qual as trilhas da narrativa literária e historiográfica se encontram (GUINZBURG, 2007).

O PASSADO NÃO É ETERNO: O SENTIDO DE HISTÓRIA EM ÓRFÃOS DO ELDORADO.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-se em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (GOFF, 1990, p. 423).

Sabe-se que a Memória hegemônica procura inscrever uma História em que está em jogo à dissimulação de determinados acontecimentos comprometedores à ordem de valores vigentes. Cabe ao historiador procurar encontrar chaves decifradoras do tempo, representadas às vezes por pequenas fissuras. Lacunas que se abrem numa escuridão que parece eterna.

Com isso não se afirma aqui que o pesquisador é aquele que traz a luz através de sua “verdade”. Pretensão absolutamente desnecessária e, há muito refutada. Ao contrário, elucida-se que o historiador deve procurar, ao longo de suas experiências, desenvolver de todo e qualquer preconceito, sair de compartimentos estanques e, como um antropólogo, enamorar o estranho, sabendo que o insólito é bom para pensar.

Nesta seção ocorre a apropriação da Literatura para verificar como o escritor Milton Hatoum lança mão dos conceitos de memória e oralidade na elaboração de

sua narrativa. Nessa linha problematiza-se a acepção de História, representa na referida obra, por meio da análise do conteúdo histórico inscrito no tempo da narrativa de Hatoum. Portanto, na novela *Órfãos do Eldorado* está patente a luta da memória contra o esquecimento.

À narrativa de Hatoum, se escuta vozes em uníssono a replicar: “Nunca houve um momento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta da barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.” (BEJAMIN, 1989. p 225). Atento a isso, o referido narrador procura se desviar dessa concepção de cultura. Diante dessa preposição, formula-se uma hipótese: *Órfão do Eldorado*, novela publicada em 2008, foi urdida para refutar a versão laudatória acerca da História da Amazônia.

Todos sabem que Milton Hatoum nasceu em Manaus, em 1952, onde passou sua infância e parte de sua juventude. Por isso, é frequente, em palestras e entrevistas, afirmar que todos os lugares que vai, sua cidade natal lhe acompanha. Isto é perceptível nas narrativas construídas pelo escritor amazonense - *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000), *Cinzas do norte* (2005), *Órfão do Eldorado* (2008), *A cidade Ilhada* (2009), *Um solitário à espreita* (2013), até mesmo no mais recente romance, ambientado em Brasília, São Paulo e Paris, isto é, *A noite da espera* (2017), existem personagens alusivas à cidades de Manaus - . Paralelo a isso, há em suas narrativas uma patente preocupação com a Amazônia. Um compromisso com a compreensão desta região que há muito ficou a margem do mundo e da História, inclusive, da História nacional.

Depois de uma curta, porém densa, passagem por Brasília, nos anos de 1960, Hatoum vai para São Paulo. Nos anos de 1970, cursou a faculdade de arquitetura na Universidade USP. Ao mesmo tempo em que entrou em contato com aulas de Teoria Literária. Experiências vividas marcantes em suas narrativas, posto que Hatoum recorta temporalidades em ângulos e planos nos quais inseri tramas, sempre densas, por ser um escritor ávido de leitores atentos àquilo que se pode fazer da história. E preocupado com aquilo que os donos do poder fizeram e continuam fazendo com a História, essencialmente, da Amazônia.

Ao transcender a realidade pela linguagem busca uma verdade inscrita no tempo de suas narrativas, mais forte que a realidade externa. Portanto, denunciadora dos fantasmas do tempo. Provocadora porque abre fendas para que vozes emudecidas passem a falar. Subjetividade que se percebe na novela *Órfãos do Eldorado*.

Nessa narrativa ocorre a transfiguração de um tempo no qual foi construída uma memória oficial que luta para se perpetuar como efeméride na memória social da Amazônia: as duas fases da “era da borracha”. Crítico dessa ideia laudatória Hatoum parte das feições identitárias utilizando-as como um recurso para refutar monumentos históricos. Ao lado disso, a trágica biografia de Arminto Cordovil, o protagonista e narrador fictício do enredo, é por si só um sonho com a glória perpétua. O autor parece compreender que “a memória também pode se alimentar de lembranças vagas

e reafirmar um passado ilusório” (MOTTA, 2012. p. 25). O sonho borracheiro. Adiante se percebe a ganância de Amando Cordovil, descrita por seu filho:

Um dia vou concorrer com a Booth Line e o Liyd Brasileiro, dizia meu pai. Vou transportar borracha e castanha para o Hacre, Liverpool e Nova York. Foi mais um brasileiro que morreu com a expectativa de grandeza. No fim, eu soube de outras coisas, mas não adianta antecipar. Conto o que a memória alcança, com paciência (Hatoum, 2008. p 15).

Em *Órfão do Eldorado* a epopeia de uma família é representada por três personagens masculinas: Edílio, Amando e Arminto. Respectivamente, avô, pai e filho da família Cordovil. É das lembranças de Arminto que a trajetória trágica da família é contada. O que entretence a trajetória dessas gerações é o que se convencionou chamar de “ilusão do fausto”.

A historiadora Edineia Mascarenhas Dias (1999) num estudo pioneiro já elucidou esta ilusão da qual Hatoum denuncia. Para ela o problema da economia borracheira estava no sistema de produção marcado pelo *aviamento*: estrutural mecanismo de dependência dissimulado pela ideia do lucro fácil e eterno. Ao lado disso um efêmero progresso trazido pela importação de projetos urbanísticos. Priorizou-se o embelezamento das capitais borracheiras, à época polos econômicos mundiais.

Por isso, no plano do enunciado, Arminto Cordovil, que aqui representa, por um lado à mentalidade consumista, por outro a ignorância dos donos do poder amazônicos, contagiado com a efemeridade do instante que parecia ser eterno “não queria voltar para Vila Bela. Era uma viagem no tempo, um século de atraso. Manaus tinha tudo: luz elétrica, telefone, jornais, cinemas, teatros, ópera.” (HATOUM, 2008. p. 17).

Uma chave de leitura para verificar a ideia de História da obra literária em análise está no sugestivo título do livro: *Órfãos do Eldorado*. No enredo, além da alusão feita à imaginária cidade encantada, Eldorado é um cobiçado cargueiro alemão. Na época da exportação da borracha tê-lo representava poder de toda a ordem. A narrativa mostra que esse é o sonho de Amando Cordovil. Entretanto, mesmo depois que consegue, Eldorado naufraga em um dos rios do Baixo Amazonas.

Veja o leitor a perspicaz imagem construída pelo literato. Com isto ele quer sugerir: as populações nascidas na Amazônia, tornaram-se órfãos da Memória de um tempo maravilhoso, por isso, ilusório. Ora, *Eldorado* há muito naufragou. Entretanto, esse mito viajante é referendado através dos rituais públicos e aqueles que balizam a vida cotidiana. Se há uma efeméride mais festejada e um tempo mais saudoso, esse se denomina “período áureo da borracha”.

Para a estrutura da narrativa de ficção o imaginário materializado na citação supramencionada representa o processo de decadência da frágil riqueza herdada por Arminto Cordovil. Isto provoca uma subversão na vida desta personagem. No plano histórico arquiteta uma questão de escolha feita por Milton Hatoum para, de forma latente, desenhar sua denuncia. Assim, o literato resolve contar a história da “Era da borracha” a contrapelo. Uma história problemática. Senão, veja o leitor nas linhas

seguintes:

Manaus, a exportação da borracha, o emprego, o comercio, o turismo, tudo crescia. Até a prostituição. Só Estiliano ficava com um pé atrás. Ele estava certo. Nos bares e restaurantes as noticias dos jornais de Belém e Manaus eram repetidas com alarme: se não plantarmos sementes de seringueiras, vamos desaparecer... Tanta ladroagem na politica, e ainda aumenta os impostos (HATOUM, 2008. p. 33).

A imagem acima transfigura aquilo que Mascarenhas denominou de “ilusão do Fausto”. Retrata os perigos da retração econômica, da concorrência de mercados, da corrupção, aliais uma das principais heranças deixadas com o advento do sistema republicano (CARVALHO, 2004). A trágica convicção de que a efêmera riqueza estaria preste a ruir. Em suma, evidencia-se, assim, um compromisso do literato em deixar patente em sua narrativa de ficção uma interpretação mais problemática da história, na perspectiva de rechaçar os monumentos e seus rastros deixados na memoria social destas paragens. Como Hatoum se percebe a Amazônia precisa ser conhecida na sua alteridade, portanto.

O IMAGINÁRIO DE HATOUM: CAMPO DE POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DA HISTÓRIA

No mês de outubro de 2015 o professor Arcângelo da Silva Ferreira ministrou uma oficina intitulada “A narrativa de uma cidade encantada ou a alegoria de uma trágica, em Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum” na semana Nacional de Ciência e Tecnologia. participaram estudantes dos cursos de História, Literatura e Pedagogia do Centro de estudos Superiores de Parintins (cidade localizada no Baixo rio Amazonas).

Na oportunidade se pensou nas possibilidades da narrativa de Hatoum para a reflexão sobre a História da Amazônia. para tanto foi distribuído aos estudantes fragmentos da obra literária em estudo. A proposta seria que os estudantes abstraíssem o conteúdo histórico inscrito no imaginário do escritor. Vamos ao primeiro fragmento:

Amando contava atos heroicos de Edílio: a coragem com que ele e seus soldados derrotavam mais de trezentos revoltosos na batalha de Uaicurapá. Mas outras vezes desmentiam esse heroísmo, diziam que em 1839 Edílio havia comandado um massacre contra índios e caboclos desarmados. Um sobrevivente deve ter marcado os crimes do tenente-coronel Edílio Cordovil no tronco de uma arvore secular. Amando queria escrever um livro, “Façanhas de um civilizador”, uma elegia ao pai dele, um dos lideres da contra revolta. Não escreveu nada, os cargueiros sugaram toda a sua energia e tempo. (HATOUM, 2008, p. 71).

Com os estudantes verificou-se que o trecho acima oferece inúmeras possibilidades para se pensar acerca de um evento que precisa de decifração, ou seja, a Cabanagem. Movimento social ocorrido na Amazônia no século XIX. Os indícios são profundos, posto que seja possível verificar duas versões para o mesmo evento: a heroica, ao lado, da questionadora. O próprio titulo sugerido ao livro que o personagem Amando pretende escrever já denuncia uma corrente historiográfica que categoriza o cabano de forma generalizante e depreciadora.

Outra contribuição para a produção do saber histórico gira em torno do registro de alguns lugares de memória que o literato traz à baila. Demanda, na oralidade dos habitantes de Parintins, o permanente o testemunho histórico da concentração de muitos cabanos nos lugares próximos do rio Uaicurapá (ANDRADE; FERREIRA, 2014). Se considerado como um recurso para o ensino de história local, tal indicio pode ser usado como uma provocação à investigação histórica. Em suma, o referido relato, corrobora a ideia que Hatoum pretende esboçar: a história dos vencidos, dos silenciados. Nas linhas abaixo, outro indício provocador à história da Amazônia. Vamos a ele.

Existe uma vertente oriunda do campo da história cultural pautada na perspectiva da história das cidades a partir do imaginário dos escritores. O segundo fragmento apresentado aos estudantes consiste em um exemplo emblemático da referida perspectiva. Adiante elucidado:

Eu me esbaldei no Café da Paz e nos bares da Cidade Velha; conheci o Mestre Chico e outros boêmios e músicos que tocavam canções de pau e corda, tiravam toadas e modinhas com flautas, violão, violino e cavaquinho. Eu pagava a bebida das noitadas e os ingressos das operetas da trupe Chat Noir no teatro Moderno, no largo de Nazaré. Amanhecíamos no Porto do Sal. Depois aluguei uma lancha e vi o mar pela primeira vez. Na loja de parís n'América comprei peças de organdi suíço e de seda italiana e italiana francesa [...]. (HATOUM, 2008, P.P. 80-81).

A partir do dialogo com os estudantes verificou-se que reside neste relato o rastro marcado pela influência europeia na construção do desenho arquitetônico da cidade paraense, Belém. Onde Hatoum, mesmo representando a forte presença do projeto urbanístico europeu às cidades amazônicas, no contexto da Bela Época, faz ver seu processo de transculturação, de resignificação de identidades que, ao longo da história da Amazônia, aprenderam a construir e reconstruir, social e politicamente. Constatou-se: em Hatoum a cultura é vislumbrada como resistências aos projetos alienígenas e dominantes. Esta perspectiva é de fundamental importância para se pensar os diversos ângulos da história por meio da trajetória dos sujeitos que contribuíram para a composição das estruturas culturais, mas também demográficas.

Nessa medida, no imaginário de Hatoum é registrada também a presença dos japoneses, sujeitos que estão diretamente inseridos na história da cidade de Parintins, pelo fato de terem colonizado um lugar denominado Vila Amazônia. Senão vejamos:

A chegada dos japoneses animou a cidade; eles construíram uma vila com casas japonesas lá na ponta do rio Amazonas, bem na boca do paraná do Ramos. Fundaram outras colônias no rio Andirá, lá na terra dos sateré-maué, grandes agricultores. Plantaram arroz, feijão e milho, e conseguiram a proeza de plantar juta. [...] muito amável, o Oyama. Trouxe um peixe preparado à moda japonesa, e eu me fartei. Depois ele curvou a cabeça, se despediu e nunca mais apareceu. (HATOUM, 2008, p. 91)

A citação acima possibilita a investigação acerca da relação entre japoneses e habitantes da região Amazônica. cabendo aí uma problematização acerca da peculiaridade deste relato. A pergunta que o leitor atento poderia formular seria, em

que aspecto o plano do enunciado se afasta do plano da realidade. Uma chave para o processo da investigação está pautada na compreensão de como os habitantes da região viam os japoneses e vice-versa. A utilização das fontes orais é um caminho para se buscar resposta.

Então, vamos ouvir um depoimento, coletado na oralidade de dona Maria da Silva Hatta (apud OLIVEIRA, Patrícia de Souza & FERREIRA, Arcângelo das Silva, 2014, 51), sobre suas experiências vividas em Vila Amazônia:

... Eu morei 11 anos na vila Amazônia. A Vila Amazônia já era uma cidade, no tempo em que trabalhava muito japonês, e queria fazer mesmo uma cidade, pra dar movimento, pra levantar fábricas né. Mas também não deram sorte porque trabalharam um bocado, pra todos os agricultores que vieram, chamaram os operários, tudo era japonês... Começaram mas não terminaram... Foi o tempo que começou Guerra no Japão, Japão ficou desgostoso, aí o J.G. tomou conta; era o senhor mais rico que tinha no Amazonas naquele tempo...

E ainda (Idem, p. 52):

Metade foi pro Urucará, metade foi pro Zé Açu... Ele não quis assim, Ele ficou e trabalhou. [...] Ele ainda tinha muita raiva assim do Brasil né, porque... ninguém sabe o que aconteceu. Numa noite, numa comunidade, ele trabalhou, quando foi numa noite ele sentiu cheiro de uma coisa queimada. Não sei se foi curto circuito, não sei se foi de maldade né, nunca soubemos o que foi isso. Mas eu sei que pegou fogo 'tudinho'. Porque japonês trabalha assim, tudo seguido, casa também não tem diferença, tudo emendado uma na outra, não é como aqui [...] A gente morava lá, e no sábado ia pra Belém. Aí quando a gente chegou de manhã lá o estrago já tava feito. Só sei que meu marido num quis mais ir, ele tinha pavor de fogo. A gente comprou essa casa aqui né, descuidada, era feia, mas eu queria mesmo era comprar uma casa. A gente tava desnorteado, porque tinha acontecido aquilo, aí queria essa casa, porque fica perto do colégio, perto da beira do rio [...]. A gente pensava que as pessoas não gostavam da gente.

Este relato é emblemático. Através dele é possível conjecturar acerca da complexa relação entre brasileiros e japoneses no contexto do referido conflito internacional. Resquícios de terrorismos rondavam as mentes humanas. A “ameaça japonesa”, frequentemente propagada pela mídia fez com que os asiáticos também se tornassem, supostamente, ameaçados pelos brasileiros, como a fonte narrativa sugere.

Japoneses e brasileiros estão relacionados a um acontecimento marcante na história da Amazônia: a expulsão dos asiáticos do Brasil no contexto da II Guerra Mundial. Ademais, o referido conflito, trouxe transformações à região, inclusive, à cidade de Parintins. Como é vislumbrado na narrativa abaixo:

O presidente Vargas disse que os Aliados precisavam do nosso látex, e que ele e todos os brasileiros fariam tudo para derrotar os países do eixo. Então milhares de nordestinos foram trabalhar nos seringais. Soldados da borracha. Os cargueiros voltaram a navegar nos rios da Amazônia; transportavam borracha para Manaus e Belém, e depois os hidroaviões levavam a carga para os Estados Unidos. Os sonhos e as promessas também voltavam. O paraíso estava aqui, no Amazonas, era o que se dizia. O que existiu, e eu não esqueci nunca, foi o braço *Paraíso*. Atracou aí em baixo, na beira do barranco. Trouxe dos seringais do Madeira mais de cem homens, quase todos cegos pela defumação do látex. Lá onde ficava a aldeia, o prefeito mandou derrubar a floresta para construir barcos. E um novo bairro surgiu: Cegos do Paraíso. Outros seringueiros ocuparam a beira da lagoa da

O imaginário acima traz inúmeras possibilidades investigativas. Keyciane Tavares, acadêmica do terceiro período do curso de Pedagogia, atenta, faz a seguinte ponderação “[...], *A Segunda Guerra Mundial foi o pilar não sei se para uma pausa na história do Amazonas ou se foi para um começo de uma nova história?*” Pode-se conjecturar verificando a recepção da estudante, acerca da narrativa de Hatoum, que sem sombras de dúvidas o evento aí transfigurado representou uma ruptura na história da Amazônia. Dizendo de outro modo trouxe transformações radicais. O fragmento é profícuo para se buscar o significado histórico dos acordos de Washington, ocorridos no referido contexto entre o governo de Brasil e EUA. O *soldado da borracha*, mencionado no fragmento consiste em um dos acontecimentos mais relevantes desse período histórico, entretanto, na versão oficial da História ele fica nas sombras, completamente silenciado.

A propaganda política de Vargas persuadiu o nordestino, desprovido de tudo, a vir para a Amazônia em busca do *Paraíso*. Da passagem do referido presidente por Manaus é profícuo seu *Discurso do rio Amazonas*. Abaixo retira-se um fragmento (VARGAS, 1940, p. 11):

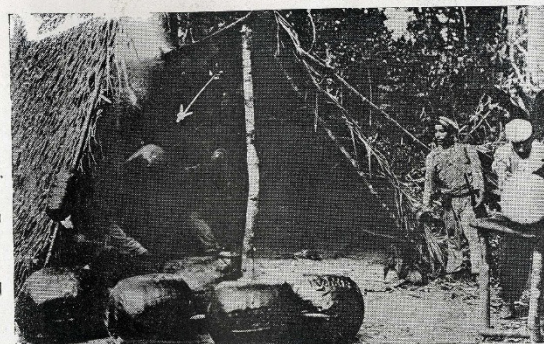
As lendas da Amazônia mergulharam raízes profundas na alma da raça e a sua história, feita de heroísmo e viril audácia, reflete a majestade trágica dos prélios travados contra o destino. Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta – foram as nossas tarefas. E, nessa luta, que já se estende por séculos, vamos obtendo vitórias sobre vitória. A cidade de Manaus não é a menor delas. Outras muitas nos reserva a constância do esforço e a persistente coragem de realizar.

O documento supra demonstra as intenções políticas e econômicas de Vargas relativas à exploração dos recursos humanos e naturais da Amazônia. Cruzadas, essas fontes corroboram uma possível tese central respectiva aos propósitos do saber e do ensino acerca da história da Amazônia: Hatoum, por meio de sua obra, coloca indícios para uma narrativa a contrapelo. Uma narrativa, por exemplo, que elucide a trajetória histórica da classe trabalhadora. Ao lado de outros habitantes o migrante nordestino tornou-se a base trabalhadora de um mecanismo econômico que ultrapassava os interesses regionais e nacionais.

Nessa medida, as condições de possibilidades trazidas pelo fragmento, sendo usado como fonte, instiga a investigação histórica acerca da contribuição dos nordestinos para a composição da sociedade, da construção da história local e, por extensão, dos espaços de territorialidade espacial e cultural dos considerados “excluídos, marginais”. Aqueles “vencidos”, porque não estão na historiografia, mas estiveram na história. Nas linhas abaixo, um registro fotográfico dos referidos trabalhadores, a qual extraiu-se do Álbum da Cidade de Manaus 1848-1948, organizado na administração do prefeito Raimundo Chaves Ribeiro em comemoração ao 1º centenário da fundação da cidade de Manaus.



Extração do "latex" — Soldados da guarnição militar de Manaus fazem aprendizagem de extração do leite da seringueira numa árvore do seringal "Miri", subúrbio da cidade



O Seringueiro, dentro da floresta bruta e inhospita, defumando o leite retirado das árvores, o trabalhador anônimo do progresso em plena mata Amazonica, onde vive em completo isolamento meses e meses

Como faz lembrar François Soulages (2010, p. 267): “é característica da fotografia o fato de ser potencialmente rica de um número infinito de sentidos”. Assim o é a literatura de Hatoum: sua narrativa aponta para um sentido de História onde as trajetórias de personagens subsumidas são elucidadas nas curvas do tempo do enunciado. Esse tempo estruturado na verossimilhança. Porém, coloca questões ao tempo histórico, escondido no passado e ressignificado no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O leitor verificou que a obra literária foi apropriada aqui como fonte histórica. Para tanto, método materialista foi utilizado à luz das reflexões de Walter Benjamin. nessa linha, se questionou a concepção de literatura como algo “transcendente” e do escritor como ser “atemporal”. A literatura, nessa medida é, portanto, o “testemunho histórico”, temporal, um acontecimento.

Nesta concepção foi problematizada a novela *Órfãos do Eldorado*, publicado pela primeira vez no ano de 2008. Em suma, abstraiu-se o sentido histórico e as possibilidades da narrativa de Milton Hatoum para se pensar, fazer e ensinar uma nova, e problemática, história da Amazônia.

REFERÊNCIAS

- HATTA, Maria da Silva. **Maria da Silva Hatta**: depoimento [abr. 2014]. Entrevistadora: Patrícia de Souza Oliveira. Parintins-AM, 2004.
- “Discurso do Sr. Presidente Getúlio Vargas, no banquete que lhe ofereceram a Interventoria Federal e as classes conservadoras a 10 de Outubro, na sede do Ideal Clube”. In.: **Propaganda Amazonense. Visita do Presidente Vargas e as esperanças de ressurgimento do Amazonas**. Imprensa Pública. Manaus, 1940, p. 11.
- Álbum da Cidade de Manaus 1848-1948, organizado na administração do prefeito Raimundo Chaves Ribeiro em comemoração ao 1º centenário da fundação da cidade de Manaus.
- ANDRADE, Renan Jacauna de; FERREIRA, Arcângelo da Silva (orientador). **Lembranças de uma luta social: a cabanagem no imaginário parintinense**. Trabalho de conclusão de Curso. CESP/UEA, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Obras Escolhidas**. Volume 1; tradução Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio: Jeanne Merie Gagnebin. 1º edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de Historiador**; prefácio de Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BURKE, Peter. “A História dos acontecimentos e o Renascimento da narrativa”. In: **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1992.
- CHALHOUB, Sidney e Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. “Apresentação”. In: _____ (orgs.). **A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DIAS, Edineia Mascarenhas. **Ilusão do Fausto: Manaus (1890-1920)**. – Manaus: Editora valer, 1999.
- FERREIRA, Antônio Celso. “Literatura: fonte fecunda”. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (org.). **O Historiador e suas fontes**. – São Paulo: Contexto, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdade, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**; trad. Bernardo Leitão (et. al). Campinas: Unicamp, 1990.
- HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MOTTA, Marcia Maria Menendes. “História, memória e tempo presente”. In: CARDOSO, C.F e VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2º ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.
- OLIVEIRA, Patrícia de Souza & FERREIRA, Arcângelo da Silva (orientador). **Hatoum e a história: mito, memória e cidade em Órfãos do Eldorado**. Programa de Apoio à Iniciação Científica (UEA/FAPEAM), Parintins, 2014.

RUIZ, Rafael. “Literatura: novas formas de abordar o ensino de História” In: PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi. (orgs.). **História na sala de aula: conceitos, práticos e propostos** . - 3º Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**; tradução de Iraci D. Paleti e Regina Salgado Campos. – São paulo : Senac. São Paulo, 2010.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-095-7



9 788572 470957